

## APRESENTAÇÃO

O primeiro fascículo de 2019 de Debates do NER inaugura a publicação de um tipo de diálogo ainda inédito em nosso periódico. Ao longo dos últimos anos, o campo dos estudos dedicado às religiões afro tem sido privilegiado por nossa revista. Autores brasileiros e estrangeiros, cuja obra é incontornável na área tiveram alguns de seus textos por nós publicados. Dessa vez, no centro da seção *debates*, divulgamos quatro textos inéditos de Adalberto de Xangô, o Pai Pernambuco. Sacerdote de umbanda, que presidiu a União de Umbanda do Rio Grande do Sul até a fundação do Conselho Estadual de Umbanda e Cultos Afro-brasileiros. Pai Pernambuco foi figura central para a visibilidade progressiva legitimação das religiões afro no espaço público brasileiro, e um interlocutor chave para pesquisadores da área, tanto do Rio Grande do Sul, quanto de fora do estado. Também foi autor de textos sobre o seu próprio campo religioso. São quatro desses seus textos que aqui apresentamos. Dois deles dedicados às características das religiões de matriz africana, em especial do batuque gaúcho, e outros dois sobre a relevância do Mercado Público de Porto Alegre para o campo afro. Na sequência desse texto, os leitores têm a oportunidade de encontrar a reação, em forma analítica, mas também memorial, de Ari Pedro Oro, Alejandro Frigerio e Mundicarmo Ferreti. Todos esses textos e seus comentários são precedidos por uma breve introdução escrita por Érico Carvalho, Hermes Veras e Luana Emil, a quem também deve ser atribuído o crédito pela organização desta seção especial de *debate*.

Na sequência deste primeiro *debate* há ainda um segundo, o que configura um formato também inédito na revista. Esse, no entanto, é resultado da tradução de um conjunto de textos originalmente publicados em 1999 pela *Current Anthropology*. O texto que serve como mote para o debate é o artigo “Animismo Revisitado: Pessoa, Meio Ambiente e Epistemologia

Relacional”, de autoria da antropóloga Nurit Bird-David. Seguindo a tradição de nossa revista em traduzir textos relevantes para área, essa é a primeira vez que apresentamos a versão em português de um debate completo. O artigo, propositivo na avaliação da noção de “animismo” para teoria antropológica clássica e também quanto ao seu aporte para perspectivas contemporâneas, é comentado por: Eduardo Vivieros de Castro, Alf Hornborg, Tim Ingold, Brian Morris, Gísli Pálsson, Laura Rival, Alan Sandstrom; seguido por uma réplica da autora.

A seção de artigos é aberta pelo texto da antropóloga holandesa Linda van de Kamp, intitulado “Conversão do marido espiritual: a realização da imaginação pentecostal em Moçambique”. A narrativa de Van de Kamp sobre o marido espiritual é o o fio condutor a partir do qual a antropóloga narra a consolidação da Igreja Universal em Maputo, as complexas redes de parentesco da sociedade local e a extensa história de guerras, migrações, o colonialismo português e de transformações socioeconômicas recentes que afetam a região. É o combate a esses espíritos perigosos que dá visibilidade ao cotidiano de mulheres moçambicanas recentemente convertidas ao pentecostalismo o que Van de Kamp analisa.

Na sequência, Hugo José Suarez, em “Agentes paraeclesiais: a Virgem de São João dos Lagos e sua peregrinação por um bairro de Guanajuato”, apresenta a trajetória de Seu Francisco, um leigo que administra uma complexa economia de bens de salvação em um bairro popular de Guanajuato, na região central do país. Peregrinações, rezas e breves rituais são descritos por Suarez não na chave do catolicismo popular, tal como insistia a literatura latinoamericana da década de 1980, mas sim para apresentar a emergência de novas demandas e de recomposição do cenário religioso mexicano.

Também sobre o México, o texto de Ezer May, dedicado ao tema da presença e representação de budistas identificados pelas estatísticas do censo do país. O artigo, com forte apelo aos dados quantitativos, organiza a trajetória história da identificação com o budismo no país, a distribuição geográfica dos atores, a feminização do pertencimento e outros traços demográficos. Ainda pouco tematizado no continente, o artigo abre a possibilidade de

um diálogo sobre os dados quantitativos de religiões orientais na América Latina e suas aderências e dificuldades de expansão na região.

De autoria da antropóloga brasileira Raquel Littério de Bastos, mas também refletindo sobre contextos internacionais, o texto “*O Cristo Cósmico Curandeiro no pêndulo dos demônios da Antroposofia*” é dedicado às intersecções entre arte, medicina neorromântica e esoterismo. Bastos analisa o uso de uma obra de arte, o retábulo do Cristo cósmico, exposto no museu *Unterlinden* em Colmar, na região da Alsácia-França, como elemento curativo pelos adeptos da antroposofia. A partir do tema, a autora formula a relação entre cura e estética na antroposofia como um princípio mais geral desse universo.

Os três textos da sequência também dialogam, de alguma maneira, com o tema mais geral dos vínculos entre mídia e religião. Primeiro, o artigo do antropólogo canadense Jeremy Stolow: “O Sistema Nervoso Espiritual: reflexões sobre um possível cabo magnético projetado para comunicação espiritual”. Analisando um caso histórico, do fim do século XIX, de sessões espiritualistas que evocavam a presença de entidades por meio de rituais e de alguns materiais, Stolow investe substantivamente na produção de uma perspectiva analítica mais robusta capaz de articular religião e tecnologia. O segundo texto é de Thais Lassali e propõe uma análise da produção hollywoodiana de ficção científica em sua relação com a dimensão religiosa na vida pública daquele país. A partir do diálogo com o conceito de religião civil de Robert Bellah, a autora demonstra como certa estética religiosa tem se disseminado na indústria do entretenimento estadunidense. Por fim, o último artigo da seção, é o terceiro a associar mídia e religião. Em “Exu Seu Sete da Lira: disputas midiáticas e institucionais sobre o normal, o anormal e o paranormal”, os autores retomam o caso da manifestação de uma entidade de umbanda, ao vivo, em dois programas de auditório da televisão brasileira, que desencadeou, em membros da plateia e em alguns telespectadores, o estado de transe. É a controvérsia, que envolveu imprensa, Igreja Católica e Estado, que organiza o texto. Aqui, novamente, é a relação entre mídia e

religião que interessa, mas também é a possibilidade de propor um método de análise sobre esse tipo de universo empírico o que move os autores.

Este fascículo é encerrado com o ensaio fotográfico de Nadège Mézié, “O último encontro: o pastor e sua amiga ‘cabeça dura’”, que retrata o último encontro entre dois amigos haitianos moradores das montanhas do estado de Grand’Anse. Ambos com idade avançada, ele evangelista com o dom de cura, ela uma mulher velha conhecida, que nunca se convertera ao protestantismo, apesar de todos os esforços de seus parentes. À beira da morte, ela, Grann, chama seu amigo pastor para ficar por perto. O ensaio testemunha esse encontro. Também é desse ensaio a imagem que ilustra a capa do presente número.

*Rodrigo Toniol*



# DOSSIÊ TEMÁTICO